

A ESTÉTICA SIMBOLISTA NAS PÁGINAS DO JORNAL O PÃO**Luciana BRITO**

Foi nas colunas d'*O Pão* (1892-1896), jornal criado pela agremiação cearense Padaria Espiritual (1892-1898) e onde ecleticamente conviviam diversas tendências estéticas, que os poetas Lopes Filho, autor de *Fantos* (1893), e Lívio Barreto, autor de *Dolentes* (1897), e o contista Cabral de Alencar publicaram seus primeiros textos simbolistas. Entretanto, alguns redatores do jornal atacam impiedosamente o Simbolismo nacional. Vale ressaltar que tal ação é uma resposta a ataques vindos de fora, mas a nova escola é que passa a ser alvo das censuras dos redatores. É o caso, por exemplo, do artigo "Uma agressão", publicado no n.º 18, em que Antônio Sales, poeta e romancista realista-naturalista, ataca impiedosamente Alves de Faria, poeta alagoano que pontificava na revista *Tebaida*, órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro. Diz Antônio Sales em certo momento:

Essa Estrada de S. Tiago que S.S. palmilha, entoando a Alta Espiritualidade cânticos ininteligíveis e de pés quebrados, talvez o conduza mais depressa a uma casa de saúde do que à glória. Em que consiste a histeria literária dos nevrotados reformadores da arte de escrever no Brasil? Nisto simplesmente: sobre um fundo de lirismo doentio e incongruente tecer composições de forma arrevesada, de vocabulário exótico e rebuscado, com grandes gastos de maiúsculas e tudo besuntado de um misticismo piegas e de um fanatismo incoerente¹.

Alves Faria, além de ter criticado duramente o segundo livro de Antonio Sales, as *Trovas do Norte*, também mencionou a destruição da Padaria Espiritual em um de seus artigos, dizendo:

Alongando o olhar até esse pedaço de Norte para onde a ciência hidráulica conseguiu fazer derivar um cristalino veio, calmo e doce, da fonte Cristalina, parece-nos ver a imagem da Arte, quente e fumegante do forno da Padaria Espiritual, ereta em meio de um cesto de bolos e conduzida sobre um chiante carro de bois!
E como ela vai desfigurada! Vemo-la inteiramente, através da distância, e nos parece antes uma condenada, levada ao patíbulo da Crítica, triste e lacrimosa, de olhos doces e amêndoas confeitada e lábios secos e duros de côdea! Pobrezinha! Falta-lhe apenas, para a perfeita apoteose do seu martírio, a verde cana, já sagrada a essência suavíssima da sua Doçura!²

A seção “Carteira”, no mesmo número em que Antônio Sales responde as críticas de Alves de Faria, tratando de Carlos Dias, que teria também atacado a *Tebaida*, informa haver este pintado “a debandada que vai por aquele viveiro de gênios, do qual já se desligaram Cruz e Sousa, B. Lopes e outros”. E, aludindo à união existente entre os literatos do jornal *O Pão*, diz a seção: “Desunidos, eles não podem ver com bons olhos a união dos outros”.

A mesma seção, no número seguinte, o 19, volta a falar da revista *Tebaida*, que certamente continuava insultando a Padaria Espiritual. Diz ela: “.. esses decadentistas de meia tigela sempre que discutem arrepanham(sic) sua túnica de romeiros e deixam ver o paletó sovado e gorduroso de capadócios”³.

Os ataques continuam no n.º 20 José Carlos Júnior, respondendo às ofensas que Pedro, o Eremita, da já mencionada revista *Tebaida*, lançara sobre a Padaria Espiritual, escreve um artigo bastante forte, no qual afirma ser o redator da revista carioca uma “pobre alma” que se utiliza de “frases desconexas”, característica de “um cérebro atrofiado”, para atacar a Padaria Espiritual, o Centro Literário e o Ceará. O artigo termina com uma apóstrofe que ficaria famosa na história da literatura cearense: lembra o padeiro-mor que houve duas Tebas célebres na Antiguidade, sendo uma egípcia, na Tebaida, e outra grega, na Beócia. E conclui: “É desta última que, sem dúvida, se originaram os jornalistas da Tebaida-papel – Beócios!”⁴.

A muitos pode parecer estranho o fato de a Padaria Espiritual (que tem sido considerada por alguns estudiosos, aliás erroneamente, um grupo simbolista) lançar tão terríveis ataques aos cultores da nova seita, tendo em seu seio pelo menos dois poetas indubitavelmente simbolistas: Lopes Filho e Lívio Barreto. E parece mais estranha ainda a inclusão, no n.º 22 de *O Pão*, de um texto em que o próprio Lopes Filho, autor do primeiro livro simbolista cearense, justamente ao elogiar os *Mármore*s, de Francisca Júlia – um dos raros frutos do verdadeiro parnasianismo no Brasil – faz censura aos simbolistas do Sul do país. Depois de exaltar na jovem escritora os seus “versos corretos”, diz o poeta dos *Fantos*:

Cruz e Sousa e outros, ultimamente, no Rio de Janeiro, têm-se constituído os arautos do decadismo; mas em quase todos esses moços – excetuando B. Lopes, Afonso Guimarães e Emiliano de Menezes (sic) – reina a mais bem acabada vocação artística para... para copiarem servilmente os novos de Portugal e França⁵.

Deve-se advertir, entretanto, que já iam bem longe os tempos em que, sem conhecimento do que faziam os primeiros simbolistas do Paraná ou do Rio de Janeiro, Lopes Filho compunha os versos de seu livro ao influxo do Simbolismo português. Com o tempo, o padeiro foi, aos poucos, fugindo da ortodoxia da escola, apesar de nunca ter perdido os tons crepusculares do Simbolismo ou o pessimismo do Decadentismo. Junta-se a isso o fato do

Pedro, da *Tebaida*, havê-lo atacado, a ele e a seu livro, *Fantos*, duramente, como se pode ver no fragmento abaixo:

A Padaria Espiritual e o Centro do mesmo nome são fábricas de rosas colossais, manejadas no grande forno do espírito Cearense pela pá do Sr. Antônio Sales, um padeiro de avental e cafurinha branca na cabeça, muito suado pelo calor do seu talento, enquanto o Sr. Lopes Filho agarra-se ao badalo colossal dos Fantos e dobra-o e redobra-o pavorosamente, de tal modo que o som se espalha pelo Norte até a extrema latitude setentrional do Brasil e desce Sul abaixo até as fronteiras com o Rio da Prata, como se fosse um Quasímodo das Letras, disforme, anguloso, corcunda, endemasiado (sic), cheio da grimace fantástica do Som⁶.

Tudo isso leva a crer que os seguidores da mesma corrente estética não se entendiam muito bem, o que aliás não é de se estranhar entre literatos. Apesar de que esses ataques ao Simbolismo, existentes nos artigos publicados em *O Pão* e escritos por Antônio Sales, José Carlos Júnior e pelo próprio Lopes Filho, podem ser explicados à luz da história.

Em geral, uma revolução poética, longe de ser resultado de um processo de sucessão amigável, supõe uma longa fase de lutas, polêmicas e debates, decorrentes da reação natural de um sistema até então dominante. E o movimento simbolista não fugiu a essa regra. Todavia, paralelamente a essa reação natural, o movimento simbolista conviveu com outros problemas de adaptação. O peso ideológico que marca desde cedo a literatura brasileira acaba sendo talvez o dado fundamental para compreendermos a chegada da nova estética. Era preciso “criar” uma realidade nacional, e a literatura ocupava um lugar privilegiado no campo da produção de bens simbólicos. A ideologia romântica do “nacionalismo artístico” acabou por levar a criação artística a ser entendida como prova da capacidade nacional. Sendo assim, as correntes que, desde o início do século XIX, orientam a produção literária brasileira são nacionalismo e nativismo.

No âmbito literário, a necessidade de afirmação e a participação do/no contexto nacional só eram possíveis mediante a utilização de uma linguagem que oferecesse alto grau de legibilidade calcada no pretexto patriótico e no papel didático que o literato deveria assumir, como afirma Antônio Candido:

Correspondendo aos públicos pequenos e singelos a nossa literatura foi geralmente acessível como poucas, pois até o Modernismo não houve aqui escritor realmente difícil, a não ser a dificuldade fácil do rebuscamento verbal (...) A constituição do patriotismo como pretexto, e a conseqüente adoração pelo escritor do papel didático de quem contribuiu para a coletividade, deve ter favorecido a legibilidade das obras. Tornar-se legível pelo conformismo aos padrões correntes; exprimir os anseios de todos, dar testemunho sobre o país; exprimir ou reproduzir sua realidade (...) ⁷.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se favoreciam as obras literárias que estabelecessem a legibilidade do real, no fundo o ideal de nacionalidade, reprimiam-se as obras de invenção, pois estas não correspondiam adequadamente à função que o modelo de linguagem legível e verossímil, oriunda do Romantismo, Realismo/Naturalismo e Parnasianismo, vinham preenchendo no que diz respeito a uma visão do real, do nacional. Ainda segundo Antônio Candido:

Não espanta que os autores brasileiros tenham pouco de gratuidade que dá asas às obras de arte; e, ao contrário, muito da fidelidade documentária ou sentimental, que vincula à experiência bruta⁸.

Neste contexto, cujas linhas mestras giravam em torno da referencialidade e da legibilidade do objeto literário, o artificialismo, tomado como verdadeira cosmovisão anti-naturalista, a sensibilidade “*névrosée*”, o gosto pelo vago e pelo indefinido, o esteticismo e sobretudo a linguagem poética rejeitando a objetividade e os padrões de estruturação lógica, associados ao gosto pelo mistério e hermetismo, próprios da corrente simbolista, - que aparece em grande parte como o começo do movimento de construção de uma linguagem não representativa – não poderiam ser facilmente adequados à realidade da literatura brasileira. O modelo simbolista representava a tomada de consciência dos limites da linguagem representativa. Ora, essa posição implicava um questionamento não só da possibilidade da reprodução realista, mas do próprio real, visto como algo não apreensível racionalmente. Ao passo que, no caso da literatura brasileira, o momento era o de estabelecer modelos de linguagem que favorecessem a legibilidade do real, do nacional, que assegurassem uma linguagem nacional e não uma crise desses modelos. Wilson Martins, ao tratar da literatura brasileira no final do século XIX, esclarece:

É que, contrariando as polarizações fáceis dos manuais, não só o Simbolismo estava longe de ser uma corrente predominante em 1894 (na verdade jamais chegaria a sê-lo, como, ainda, e talvez por isso mesmo, havia um anti-Simbolismo ao lado do Simbolismo⁹.

Esse “anti-Simbolismo” a que se refere o escritor seria formado, em sua maioria, pelos críticos naturalistas e positivistas que dominaram grande parte do século XIX e tiveram seus pressupostos colocados em questão pelo aparecimento das obras simbolistas que, além de não se ajustarem às suas lentes naturalistas e positivistas, fizeram do desajustamento uma anti-representação, apontando, desse modo, para os desvios entre literatura e história e, por consequência, para a crise dos métodos historiográficos. Daí a existência de inúmeros comentários incompreensíveis ou ataques à corrente simbolista por parte dos críticos, uma vez

que as discussões tinham pouco de considerações polêmicas em torno de idéias e teorias de ordem literária e estética. A figura de Cruz e Sousa, alvo dos ataques mais fortes, é também o exemplo do rumo tomado pela luta: poucas indagações literárias, muitas ofensas pessoais e zombarias.

Como pôde ser visto, na fase em que o conceito de Decadentismo e Simbolismo circula como informação, isto é, principalmente entre 1887-94, a crítica naturalista, dirigida pelos pressupostos metodológicos de base cientificista, converge seus esforços para preocupações orientadas pelo critério de nacionalidade e para estudos interessados pelos métodos historiográficos. Com exceção de Araripe Júnior, cuja crítica distingue-se pela inclinação natural pelo ecletismo, pela formação humanista, os principais representantes da crítica estão voltados para a historiografia literária. É verdade que José Veríssimo, como crítico militante que foi, terá uma relação mais direta com os simbolistas, porém sua atuação ocorre numa fase em que a notícia do movimento já deixara de ser novidade, sendo interesse do crítico a avaliação de obras, ficando implícitas as considerações sobre a teoria da nova estética.

Este tipo de comportamento perante a corrente simbolista não é caso isolado da literatura brasileira, pois ocorre nas demais literaturas, sendo raro o crítico que deixe de deplorar a obscuridade, o artificialismo, a sensibilidade *névrosée*, e o relaxamento das regras prosódicas por parte dos decadentistas. Todavia, no caso da literatura européia, os traços que iriam mais tarde ser radicalizados pelos simbolistas, no sentido de uma mudança na função poética da linguagem, já estavam delineados – diferentemente do que ocorre no contexto brasileiro – através de uma necessidade natural, por parte dos europeus, de libertar a linguagem de seu compromisso com a representação. As diferenças contextuais no caso da literatura européia e brasileira são gritantes, e muitos críticos conseguem captar isso, inclusive o padreiro Antônio Sales, que acaba por afirmar o seguinte:

É este o espetáculo que nos oferece a intelectualidade européia, que nós começamos a macaquear como se estivéssemos nas mesmas desgraçadas condições psicológicas e sociais a que chegaram povos gastos pelo atrito de tantos anos de civilização crescente e devoradora. Não há dúvida que a moléstia do século começa a minar a imtelectualidade brasileira, moléstia que não apareceu espontaneamente, mas que importamos mui simplesmente como se fosse um objeto da moda¹⁰.

O processo de repetir e absorver superficialmente os modelos de linguagem “como se fosse um objeto da moda” que a Europa urbanizada e industrializada envia é um dado que instiga o padreiro, pois diz respeito à nossa situação de colonizados, na medida em que tal processo revela um dos aspectos do sistema imitativo de uma literatura considerada periférica, assim como seu país. Foi possível a Antônio Sales perceber, de uma maneira fecunda, a

questão da importação de modelos – mecanismo indispensável, mas insuficiente como se dava entre nós –, algo que era e ainda é a pedra de toque de uma certa “consciência nacional”. Em outras palavras, ele percebe uma transposição imitativa de fórmulas, o que não é o mesmo que uma recriação.

No caso específico da Padaria Espiritual, os ataques ao Simbolismo, principalmente aos grupos simbolistas que aqui se formaram, além de serem resultado de diferenças estético-literárias, também são conseqüência de uma outra polêmica. Trata-se da polêmica Norte/Sul, que envolveu grande parte dos escritores renomados na defesa da literatura do Norte, enquanto os do Sul proclamavam a literatura sulista como verdadeira manifestação do novo pensamento. No caso, a Padaria Espiritual representava o Norte e a revista *Tebaida*, órgão dos simbolistas do Rio de Janeiro, o Sul. Afirmando estarem em defesa dos ideais estéticos, os integrantes da *Tebaida* desenvolveram intensa campanha contra o grupo cearense da Padaria Espiritual que, como era natural, respondeu aos ataques. Com o tempo, as ofensas que ficavam inicialmente, por parte dos padeiros, ao nível pessoal, passam a ter como alvo o movimento simbolista em geral, como se viu no início do texto com os fragmentos transcritos dos artigos publicados nas páginas de *O Pão*.

Vários fatores concorreram para que o movimento simbolista não fosse bem visto pelos padeiros e recebesse deles várias críticas. Mas o principal fator vai além dos interesses meramente pessoais ou regionais, como é o caso da polêmica Norte/Sul. Como já foi dito anteriormente, o que realmente inviabilizou a adaptação da corrente aqui no Brasil diz respeito à barreira imposta à obra de invenção que não correspondia aos modelos literários pré-estabelecidos, baseados na legibilidade de um “certo real”, através dos quais pudesse ser elaborada uma representação da realidade brasileira, necessária para a formação de uma consciência nacional. Desse modo, apontando o que é brasileiro, o escritor passa a ser visto como o porta-voz da nacionalidade. Ao lado desse veto implícito/explicito à obra simbolista, ao que é ficcional, caberia talvez apontar que ele é reforçado por outras razões: na medida em que é enfatizado o documental, a “realidade” de que a obra pretende ser o retrato, ocorre uma ausência de indagação crítica, reflexiva por parte dos leitores, ao passo que o ficcional exige uma resposta ativa, de curiosidade filosófica do receptor, que o leva a inquirir sobre sua noção de realidade, contrária a uma formação autoritária, conservadora, que acaba por influenciar o caráter da literatura brasileira.

Notas

¹ SALES, Antônio. Bibliografia. *O Pão*, Fortaleza, n.º 18, 15 de junho de 1895, p. 02.

² CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Decadentismo e simbolismo no Brasil**: crítica e poética. Brasília: INL_Mec; Rio de Janeiro: LTC-Livro Técnicos e Científicos, 1981, vol. I, p. 397.

³ Carteira. **O Pão**, Fortaleza, n.º 19, 01 de julho de 1895, p. 02.

⁴ JÚNIOR, José Carlos. Com a *Tebaida*. **O Pão**, Fortaleza, n.º 20, 15 de julho de 1895, p. 02.

⁵ FILHO, Lopes. Mármore. **O Pão**, Fortaleza, n.º 22, 15 de agosto de 1895, p. 04.

⁶ CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Ibidem.*, p. 397.

⁷ CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965, p. 102.

⁸ *Idem*, *Ibidem*, p. 103.

⁹ MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978, v. 4, p. 450.

¹⁰ SALES, Antônio. Bibliografia. **O Pão**, Fortaleza, n.º 13, 01 de abril de 1895, p.05.